

## MICROAGRESSÕES NO CONTEXTO ESCOLAR EM ESTUDANTES IMIGRANTES E DESCENDENTES DE IMIGRANTES

*Fabiane Almeida<sup>1</sup>, Thais da Silva-Ferreira<sup>2</sup>, Dante Ogassavara<sup>3</sup>, Jeniffer  
Ferreira-Costa<sup>4</sup> e José Maria Montiel<sup>5</sup>*

### Resumo

A constituição do sujeito em sociedade perpassa o seio familiar e o microsistema escolar. Para alunos imigrantes há uma maior demanda em lidar com os valores culturais e sociais de sua estirpe e do país onde estão inseridos. As microagressões são violências sutis e implícitas, envolvidas na interação entre grupos com desequilíbrios de poder, como é o caso entre nativos, imigrantes e seus filhos. O presente ensaio versa sobre o contexto escolar de crianças imigrantes e/ou descendentes de imigrantes no tocante a microagressões a partir da análise de inferências disponíveis literatura científica. Foi possível discorrer sobre as implicações que as microagressões podem causar nas crianças imigrantes e descendentes destes, perpassando implicações no desenvolvimento social e acadêmico. Conclui-se que há a necessidade de atenção voltada para as microagressões contra esse grupo no contexto escolar, levando em consideração a sutileza dessa violência e a heterogeneidade da população imigrante.

**Palavras-chave:** Educação infantil; Xenofobia; Violência Social.

## MICROAGGRESSIONS IN THE SCHOOL CONTEXT IN IMMIGRANT STUDENTS AND STUDENTS OF IMMIGRANT DESCENT

### Abstract

The constitution of the subject in society goes through the family and the school microsystem. For immigrant students there is a greater demand to deal with the cultural and social values of their strain and of the country where they live. Microaggressions are subtle and implicit violence involved in the interaction between groups with power imbalances, as is the case between natives, immigrants, and their children. The present essay deals with the school context

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências em Emoções pelo Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE, Lisboa, Portugal.

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia, Programa de Iniciação Científica – ProCiência pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Mestrando em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil.

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia, Programa de Iniciação Científica – ProCiência pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, Brasil.

<sup>5</sup> Psicólogo, Mestre e Doutor em Psicologia. Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu/Instituto Ânima, São Paulo, SP, Brasil.



of immigrant children and/or children of immigrant descent regarding microaggressions from the analysis of inferences available in the scientific literature. It was possible to discuss the implications that microaggressions can cause in immigrant children and their descendants, passing through implications in social and academic development. It is concluded that there is a need for attention focused on microaggressions against this group in the school context, taking into account the subtlety of this violence and the heterogeneity of the immigrant population.

**Keywords:** Child Rearing; Xenophobia; Social Violence.

## 1. Introdução

No período entre 2020 e 2021, o Brasil e o mundo enfrentaram a pandemia de Covid-19 que exigiu o cumprimento do distanciamento social. Porém, em 2022, foi evidenciado um aumento do fluxo de pessoas nas fronteiras do território brasileiro (JUNGER *et al.*, 2022). Com maior volume de pessoas entrando no território brasileiro foi observada a crescente demanda por atenção aos grupos que irão se estabelecer, pois outras gerações destes imigrantes nascerão e os jovens serão integrados aos sistemas de ensino e atenção à saúde. Por vezes, os imigrantes não são tratados de maneira adequada, sendo vitimizados por agressões xenofóbicas e outras formas de discriminação. Esse mesmo fenômeno também ocorre no contexto escolar e assim se faz necessário que as instituições de ensino se posicionem e intervenham sobre tais eventos, prevenindo-se das ocorrências (RUSSO; MENDES; BORRI-ANADON, 2020).

Infelizmente, há pouca clareza em relação à discriminação sofrida pelas crianças imigrantes e descendentes de imigrantes no ambiente escolar. Ratifica-se, mais uma vez, a importância de estudos nestas faixas-etárias no que tange os problemas de aceitação, pertencimento, acolhimento e preconceito vivido por estes alunos (KEELS; DURKEE; HOPE, 2017). A agressão que adota essa configuração é classificada como uma violência psicológica, atentando contra a moral do jovem (OMS, 2014), infere-se que tais questões possam surtir efeito prejudicial sobre o processo de aprendizagem da criança e sobre seu bem-estar ao serem práticas que violam sua integridade psicológica (WINTNER; ALMEIDA; HAMILTON-MASON, 2017).

Dada a complexidade das dinâmicas vivenciadas no contexto escolar, ao reconhecer a diversidade cultural dos grupos de imigrantes e o desafio que é a adaptação ao novo cenário sociocultural, o presente estudo versa sobre os complicadores e hostilidades imbricadas à vivência de crianças imigrantes e/ou descendentes de imigrantes no contexto escolar, tendo o objetivo de reunir achados relevantes da literatura científica nacional e internacional que possibilitem uma maior compreensão sobre a temática da violência no contexto escolar e demandas específicas desses grupos.



## 2. Metodologia

Para atender o objetivo traçado, isto é, versar sobre o contexto escolar de crianças imigrantes e/ou descendentes de imigrantes no tocante a microagressões, o delineamento do presente estudo se pautou em um método de pesquisa bibliográfica, especificamente, consistiu em uma revisão narrativa de corte transversal e descritiva. Foram utilizados artigos publicados em periódicos científicos e livros para respaldar a construção da obra com um escopo amplo, apresentando caráter qualitativo (ROTHER, 2007).

Os artigos abordados foram captados por meio dos bancos de dados SciELO e PubMed, além disso, foram utilizados livros relevantes à temática. As buscas foram realizadas com os seguintes descritores booleanos: "microagressões"; "escola"; "contexto escolar"; "imigrantes". Combinados de formas variadas e utilizados separadamente. Foram incluídos na construção das dimensões seguintes artigos e livros que atendiam diretamente o objetivo traçado. Optou-se por não realizar um recorte temporal para que obras clássicas também fossem abordadas, assim como visando reunir achados internacionais e nacionais.

## 3. A inserção da criança no contexto de imigração

O processo migratório enfrentado pelas crianças é um evento que pode se sobrepôr com implicações na construção da identidade, considerando que esse contexto é composto por conflitos em um dos principais fatores para construção da identidade: a cultura e o espaço social. A criança imigrante vivencia um grande dilema - é agredida por ter uma cultura, uma língua e percepções diferentes daquelas naturalizadas no país estrangeiro, e também, precisa lidar com todos os fatores constituintes e com os valores estrangeiros para que seja aceito na interação com os pares. Diante da inerente discriminação, os indivíduos aumentam seu apego ao endogrupo para garantir a concepção de uma autoestima positiva e de um sentimento de pertencimento (KEELS; DURKEE; HOPE, 2017).

Com fins ilustrativos das dificuldades da adaptação e aprendizagem linguística, aponta-se o estudo de Bueno (2018). O autor discute a partir de dois depoimentos de imigrantes que o preconceito linguístico sofrido por esse grupo no Brasil é sustentado pela noção de que a língua deve ser homogênea e unitária, entretanto, tal dinâmica é contraditória ao considerar a própria diversidade brasileira quando não se trata da norma culta da língua portuguesa. Portanto, o julgamento sob a forma de falar dos imigrantes parte de um princípio errôneo de uma possível imagem homogênea da língua nacional.

A adaptação das crianças imigrantes necessita tanto de uma adaptação psicológica quanto sociocultural. A adaptação psicológica detém-se na dimensão afetiva do ajustamento do imigrante, enquanto que a sociocultural aborda a



dimensão comportamental por meio da aquisição de habilidades culturalmente apropriadas e comportamentos funcionalmente adaptativos (WILSON *et al.*, 2017). A socialização de crianças é uma tarefa tradicionalmente executada pelo grupo familiar e, em um momento posterior, pela escola, introduzindo o jovem nas normas e valores do contexto cultural e social que estão inseridos (MONTRONE *et al.*, 2013). Porém, quando se trata de imigrações, é notória a possibilidade de que a cultura assimilada em um momento inicial seja divergente daquela que se encontra no contexto escolar.

#### 4. Microagressões - Conceito e Definição

Ao abordar a questão da discriminação de crianças imigrantes e descendentes de imigrantes, é notável que se trata de uma modalidade de violência, comumente uma forma de violência psicológica (OMS, 2014). Ademais, é possível identificar tais atos como microagressões, apesar de ser um campo de estudo ainda recente e polêmico para a comunidade científica. O termo foi cunhado pelo psiquiatra afro-americano Chester Pierce (1977), tendo o definido como interações interpessoais entre indivíduos de etnias negras e brancas que são marcadas por humilhações originadas por sujeitos de etnia branca, feitas de forma automática, pré-consciente ou inconsciente (WILLIAMS, 2020).

Alternativamente, Wells (1998) descreveu os comportamentos microagressivos como ataques sutis, conscientes e inconscientes pelos quais os homens brancos contribuem para estressar de maneira cumulativa os grupos minorizados da sociedade (negros, mulheres, imigrantes e outros) (WINTNER; ALMEIDA; HAMILTON-MASON, 2017), em que existe um "estigma e/ou um desequilíbrio de poder" (SUE *et al.*, 2007). Mais recentemente, o termo microagressão vem sendo empregado para se referir às formas de violência implícitas a ações cotidianas, presentes nos conteúdos de falas ou formas de discriminação, não somente étnico-racial, mas também relativas a questões de gênero e orientação sexual (WOODFORD *et al.*, 2013).

As microagressões podem ser classificadas em três formas: microassaltos, microinsultos e microinvalidações. Além disso, as microagressões parecem permear uma infinidade de configurações contextuais ao longo da vida, incluindo escolas primárias, escolas secundárias, campus universitários e ambientes de trabalho (KEELS; DURKEE; HOPE, 2017). Estas, podem impactar negativamente o aluno na construção de sua identidade, dos seus sentimentos de pertença ao grupo escolar, o seu rendimento acadêmico e de todo seu arcabouço psicológico. Por isso, é evidente que não são somente microagressões que perpetuam este cenário, mas também questões relacionadas ao *bullying*.

## 5. Microagressões e *Bullying* no contexto escolar

Embora o *bullying* não seja mais socialmente aceitável e que sejam previstas punições para tal ocorrência, este é um fenômeno bastante estudado e um grande fator de preocupação pedagógica. Visto que 20% dos alunos cursando os ensinos primário e secundário foram vítimas de *bullying*, é uma prevalência que aumenta o risco de vivenciar dificuldades acadêmicas e sofrimento psicológico (WINTNER; ALMEIDA; HAMILTON-MASON, 2017). A prática do *bullying*, empregando violência psicológica, é a modalidade mais recorrente dele, assim como microagressões no qual se refere à discriminação, segregação e agressões verbais, porém em casos de *bullying*, esta violação acontece ocorre de maneira explícita dentro de um grupo, diferenciando-se assim das microagressões que ocorrem de maneiras sutis e implícitas. Complementarmente, é válido destacar que o *bullying* apresenta um padrão de vitimização e perpetuação aparentemente cíclico, ou seja, tendo chance de que o indivíduo que anteriormente foi vitimizado se torne o agressor em um momento posterior e assim siga indefinidamente, retratando então o ciclo da violência (MARCOLINO *et al.*, 2018).

Ao focar na discriminação que constitui uma das possibilidades da ocorrência de microagressões, cita-se o estudo de Mateus (2019) cujo objetivo foi investigar as percepções acerca da diversidade e discriminação em contexto escolar entre 24 filhos de imigrantes e 17 educadores de duas escolas de Portugal. A partir das entrevistas realizadas, observou-se que a maioria dos alunos afirmam vivenciar experiências discriminatórias em seu cotidiano, sobretudo relacionado aos traços fenotípicos diferenciados dos demais alunos. Enquanto os educadores procuraram citar os mesmos acontecimentos relatados pelos alunos de forma indireta e com poucas referências de como o trabalho docente pode auxiliar para promover melhorias, assim como práticas que favoreçam a igualdade dentro a diversidade. Ademais, a diversidade é compreendida como um fenômeno com demandas emergentes e não como uma possibilidade de recurso, o que proporciona desafios no processo de inclusão desses alunos descendentes de imigrantes.

## 6. Microagressões no contexto escolar de crianças imigrantes e descendentes

Microagressões enquanto forma de violência, é um conceito relativamente recente e que está fora da consciência da pessoa comum e, por conseguinte, da sociedade. Apesar de existirem vários estudos realizados com jovens adultos e adultos, há pouca literatura sobre o impacto das microagressões nas crianças. A necessidade de estudar este período pode possibilitar a discussão de programas de intervenção mais efetivos que vislumbra, principalmente, consciencialização das microagressões dirigidas a

crianças imigrantes, cuja vulnerabilidade diante do *out-group* é visível, danificando a construção da sua identidade e afirmação perante grupo (WONG *et al.*, 2014).

No que tange os fatores ambientais relacionados ao desenvolvimento humano, Bronfenbrenner (1989) afirma haver uma interdependência entre os vários sistemas (micro-, meso-, exo- e macrosistema), incluindo os próprios indivíduos, que se influenciam mutuamente e contribuem para o desenvolvimento, isto é entendido como uma gama de processos individuais que interagem com o ambiente e resultam na constância e mudança do indivíduo ao longo da sua vida. A melhor forma de compreender o desenvolvimento do indivíduo é estudá-lo nos variados contextos em que se situa, sendo assim uma abordagem ecológica (WINTNER; ALMEIDA; HAMILTON-MASON, 2017).

Além disto, há ainda o conceito do “eu do espelho”, cujo enfoque está no desenvolvimento do autoconceito de uma pessoa não ser meramente um processo individual, mas também social, que envolve percepções de outros sujeitos como uma forma de influência ambiental (NADAL *et al.*, 2014). Este modelo conceitual integra conceitos psicológicos e teorias sobre o processo de formação da identidade, visando a possibilidade da adoção de estratégias em ambiente escolar para tornar possível a consciencialização das microagressões quer por parte dos agressores, quer por parte das vítimas (WINTNER; ALMEIDA; HAMILTON-MASON, 2017), assim seriam subsidiadas melhores condições para aprendizagem, uma vez que seria proporcionado um ambiente seguro para reflexão (DE LA CROIX; VEEN, 2018).

Uma outra problemática das microagressões está relacionada com a insegurança dos agredidos em perceber se a experiência vivida ocorreu por causa de sua origem étnico-racial ou não, isto leva o aluno a empregar uma quantidade significativa de energia cognitiva na tentativa de determinar a veracidade ou validade da experiência, já que a sutileza e o caráter implícito das microagressões, como já foi supracitado, pode levar as vítimas a duvidarem de suas percepções e não encontrarem validações e apoio de outras pessoas no contexto em que está inserido, neste caso, de professores e da equipe acadêmica. Como resultado, vivenciar uma microagressão racial em sala de aula ou ambiente escolar pode dificultar o foco em tarefas relacionadas à escola por causa de tentativas ruminantes de decifrar a intenção do agressor (STEKETEE *et al.*, 2021).

A escola é um microsistema importantíssimo, uma matrioska que afeta e é afetada por outras na formação da identidade individual que precisa ampliar a sua ação pedagógica. A escola como instituição deve ser pensada então, para além de uma mera transmissora de conteúdos puramente cognitivos, deve ser também implementadora de recursos para o desenvolvimento pleno das questões emocionais e de formação identitária do aluno, colocando em foco a postura, a escuta, o olhar, a qualidade do vínculo que os alunos estabelecem entre si, com o professor e com a comunidade escolar para a construção da identidade (WINTNER; ALMEIDA; HAMILTON-MASON, 2017).

A docência demanda uma série de habilidades pontuais para atuação prática e quando se trata de estudantes que são imigrantes ou descendentes de imigrantes é agregada uma maior complexidade à atuação profissional. A população imigrante tem uma composição extremamente heterogênea. O trabalho entre comunidades de imigrantes e a escola deve ser colaborativa para que seja alcançada a socialização desses grupos no novo contexto, e comumente, deve-se levar em consideração que em muitos casos o indivíduo que age como intermediador desta relação, auxiliando com barreira linguística por exemplo, é o jovem aluno frequentador da escola (GOODWIN, 2002).

Cita-se a pesquisa de Carmona *et al.* (2015) no qual objetivou investigar a importância da relação docente-discente em como ações discriminatórias são percebidas em contexto escolar, sendo que foram participantes do estudo, 224 alunos estrangeiros e 184 descendentes de imigrantes que se encontravam no 4º, 5º ou 6º anos do Ensino Básico. Os autores discutem a partir dos achados que o processo de adaptação cultural é permeado por separação, marginalização e assimilação dos estudantes estrangeiros ou descendentes de imigrantes, independente da origem étnica. Ao focar em ações discriminatórias, notou-se que os estrangeiros sofrem mais do que os descendentes de imigrantes que, por sua vez, percebem uma melhor relação com os professores. Sendo assim, concluiu-se que a relação professor-aluno pode auxiliar em sua adaptação cultural, a partir da adoção de um papel mediador na integração socioeducativa mediante ao este contexto educacional multicultural.

## 7. Considerações finais

O presente estudo versou sobre as microagressões, abordando questões epistemológicas e a forma que estas se aderem no contexto escolar, colocando em destaque o quadro enfrentado pela população imigrante e descendentes de imigrantes. As mudanças e adequações socioculturais que essa população busca superar perpassa o emprego de mecanismos adaptativos para facilitar a conjuntura do novo contexto em que se inseriram, é importante então, citar além dos mecanismos individuais os sociais do território acolhedor, a necessidade de políticas públicas de assistência social para promover um melhor ajustamento à nova realidade e o manejo nos diversos setores, em específico o setor de ciência e desenvolvimento na área da educação.

Ao tratar da natureza das microagressões, fez-se compreender que estas são, de forma abrangente, ocorrências de violência psicológica ao implicar violações contra a moral dos indivíduos, suas liberdades individuais e sua integridade psicológica. Quando se refere ao contexto escolar tendo crianças como vítimas, estes quadros podem ser entendidos como casos de *bullying*, entretanto essa identificação depende também de outras variáveis, para além do local da violência, como suas implicações. É importante denotar as diferenças entre estas duas formas de violência, explicitando a necessidade de uma atenção

mais cuidadosa dos professores e equipe educacional, considerando que as microagressões ocorrem de forma mais implícita e sutil.

Embora aqui não seja determinado um enquadramento para o campo do Direito relativo às microagressões, é válido afirmar que estas são formas de violência que permeiam os contextos de forma implícita às trocas interpessoais, seja pela em seu conteúdo ou por elementos pontuais nelas contidas. Ainda é oportuno destacar que o entendimento epistemológico de microagressão vem se flexibilizando, transcendendo questões étnico-raciais e passando a abranger discriminações contra grupos de forma mais ampla.

Entende-se que o estudo de fatores presentes no contexto escolar, especificamente entre os estudantes e fatores ambientais, é valioso para que seja possível a concepção da realidade em que estes estão inseridos, o que possibilita que seja oferecido um ensino adaptado às potencialidades e demandas do discente. O processo de aprendizagem sofre influência de uma variedade de fatores, assim a atenção deve ser voltada não somente ao conteúdo que se objetiva transmitir, mas também direcionada aos aspectos contextuais que são subsidiados para que este processo ocorra, reconhecendo suas limitações e complicadores. Acrescentando a isso, os fatores envolvidos no desenvolvimento da personalidade de alunos mais novos, não apenas dos imigrantes e dos descendentes de imigrantes, mas também dos alunos nativos favorecendo assim a diversidade.

Por fim, é relevante chamar a atenção para a baixa incidência de estudos voltados à educação primária de imigrantes e seus descendentes no Brasil. Este estudo busca fomentar a atenção sobre os aspectos específicos dessa população, considerando suas heterogeneidades, como as diferentes nacionalidades dos imigrantes e suas condições.

## REFERÊNCIAS

BRONFENBRENNER, Urie. **Who cares for Children?**. Paris: UNESCO, 1989.

BUENO, Alexandre Marcelo. Norma linguística, preconceito e imigração no Brasil. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 21, n. 1, p. 427-447, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15160> Acesso em: 16 jul. 2022.

CARMONA, Margarida; BARREIROS, João; RODRIGUES, Ricardo Borges; GUERRA, Rita. Integração socioeducativa de crianças e jovens imigrantes: A importância da relação professor-aluno na percepção de discriminação em contexto escolar. **Anais Colóquio Internacional de Psicologia e Educação**, Lisboa: ISPA – Instituto Universitário, 2015.

DE LA CROIX, Anne; VEEN, Mario. The reflective zombie: problematizing the conceptual framework of reflection in medical education. **Perspectives on**



**Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 10, n. 22, p. 417-427, jan./mar. 2023.**

**Medical Education**, v. 7, n. 6, p. 394-400, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40037-018-0479-9> Acesso em: 16 jul. 2022.

GOODWIN, A. Lin. Teacher preparation and the education of immigrant children. **Education and urban society**, v. 34, n. 2, p. 156-172, 2002. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0013124502034002003> Acesso em: 18 jul. 2022.

KEELS, Micere; DURKEE, Myles; HOPE, Elan. The psychological and academic costs of school-based racial and ethnic microaggressions. **American Educational Research Journal**, v. 54, n. 6, p. 1316-1344, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3102/0002831217722120> Acesso em: 17 jul. 2022.

JUNGER, Gustavo, CAVALCANTI, Leonardo, OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Bianca Guimarães. **Refúgio em números**. 7ª ed. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

MARCOLINO, Emanuella de Castro; CAVALCANTI, Alessandro Leite; PADILHA, Wilton Wilney Nascimento; MIRANDA, Francisco Arnoldo Nunes; CLEMENTINO, Francisco de Sales. *Bullying*: Prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 27, n. 1, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-07072018005500016> Acesso em: 17 jul. 2022.

MATEUS, Sandra. Antes de nos conhecerem, às vezes, tratam-nos mal-percepções sobre discriminação e diversidade étnica em contexto escolar. **Medi@ções**, v. 7, n. 2, p. 123-135, 2019. Disponível em: <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/antes-de-nos-conhecerem-as-vezes-tratam-nos-mal--percecoes-sobre-discriminacao-e-diversidade-etnica/65570> Acesso em: 16 jul. 2022.

MONTRONE, Aida Victoria Garcia; RANI, Rayla; TAKAESU, Renata Kazumi; ARANTES, Cássia Irene Spinelli; FABBRO, Márcia Regina Cangiani. Percepções e práticas de cuidadoras comunitárias no cuidado de crianças menores de três anos. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, p. 659-678, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462013000300011> Acesso em: 18 jul. 2022.

NADAL, Kevin L; WONG, Yinglee; GRIFFIN, Katie E.; DAVIDOFF, Kristin; SRIKEN, Julie. The adverse impact of racial microaggressions on college students' self-esteem. **Journal of college student development**, v. 55, n. 5, p. 461-474, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/csd.2014.0051> Acesso em: 18 jul. 2022.

OMS. **Global status report on violence prevention 2014**. Genebra: World Health Organization, 2014. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564793> Acesso em: 16 jul. 2022.



PIERCE, Chester M. Introduction: Television and education. **Education and Urban Society**, v. 10, n. 1, p. 3-9, 1977. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/001312457701000101> Acesso em: 19 jul. 2022.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão Sistemática X Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?lang=es> Acesso em: 18 jul. 2022.

RUSSO, Kelly; MENDES, Leila; BORRI-ANADON, Corina. Crianças em situação de imigração na escola pública: percepções de docentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, p. 256-272, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053146943> Acesso em: 16 jul. 2022.

STEKETEE, Anne; WILLIAMS, Monnica T.; VALENCIA, Beatriz. T.; PRINTZ, Destiny; HOOPER, Lisa M. Racial and language microaggressions in the school ecology. **Perspectives on Psychological Science**, v. 16, n. 5, 1075-1098, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1745691621995740> Acesso em: 17 jul. 2022.

SUE, Derald Wing; CAPODILUPO, Christina M.; TORINO, Gina C.; BUCCERI, Jennifer M.; HOLDER, Aisha M. B.; NADAL, Kevin L.; ESQUILIN, Marta. Racial microaggressions in everyday life: Implications for clinical practice. **American Psychologist**, v. 62, n. 4, p. 271-286, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.62.4.271> Acesso em: 21 jul. 2022.

WELLS JUNIOR, Leroy. Consulting to black-white relations in predominantly white organizations. **The Journal of Applied Behavioral Science**, v. 34, n. 4, p. 392-396, 1998. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0021886398344004?journalCode=jaba> Acesso em: 18 jul. 2022.

WILLIAMS, Monnica T. Microaggressions: Clarification, evidence, and impact. **Perspectives on Psychological Science**, v. 15, n. 1, p. 3-26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1745691619827499> Acesso em: 21 jul. 2022.

WILSON, Jessie; WARD, Collen; FETVADJIEV, Velichko H; BETHEL, Alicia. Measuring cultural competencies: The development and validation of a revised measure of sociocultural adaptation. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 48, n. 10, p. 1475-1506, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0022022117732721> Acesso em: 17 jul. 2022.

WINTNER, Suzanne; ALMEIDA, Joanna; HAMILTON-MASON, Johnnie. Perceptions of microaggression in K-8 school settings: An exploratory study.



---

**Children and Youth Services Review**, v. 79, p. 594-601, 2017.  
<https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2017.07.020> Acesso em 17 jul. 2022

WOODFORD, Michael R; HOWELL, Michael L; KULICK, Alex; SILVERSCHANZ, Perry. "That's so gay" heterosexual male undergraduates and the perpetuation of sexual orientation microaggressions on campus. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 28, n. 2, p. 416-435, 2013.  
<https://doi.org/10.1177/0886260512454719> Acesso em 18 jul. 2022

WONG, Gloria; DERTHICK, Annie O; DAVID, E. J. R.; SAW, Anne; OKAZAKI, Sumie. The what, the why, and the how: A review of racial microaggressions research in psychology. **Race and social problems**, v. 6, n. 2, p. 181-200, 2014. <https://doi.org/10.1007/s12552-013-9107-9> Acesso em 16 jul. 2022.

Recebido em: 29 de julho de 2022.

Aceito em: 14 de novembro de 2022.

Publicado em: 31 de janeiro de 2023.

